



OS ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva¹

Nos últimos 20 anos houve um grande incremento dos estudos medievais no Brasil. Como é possível verificar pelos títulos listados na bibliografia, muitos especialistas já se dedicaram a refletir sobre a questão, com recortes e abordagens diversas. Neste artigo, apresento os principais aspectos que caracterizam esta expansão do medievalismo nacional, discutindo as razões deste crescimento, buscando sublinhar o papel das iniciativas de trabalho interdisciplinar neste processo. Não faço uma análise causal, ou seja, não pretendo encontrar as razões que impulsionaram este crescimento, mas busco destacar os diversos fatores que, em minha opinião, atuaram e, de certa forma, ainda atuam, na consolidação dos estudos medievais no Brasil. Não se trata, portanto, de um inventário de núcleos de pesquisa, teses, pesquisadores. Um ou outro trabalho, grupo de pesquisa ou profissional são citados, mas como exemplos da análise mais geral que se pretende apresentar. Finalizando o texto, traço um panorama do que

¹ Professora do Instituto de História da UFRJ. Co-coordenadora do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Pesquisadora do CNPq.

considero como as principais demandas atuais dos estudos medievais brasileiros que podem ser respondidas por meio do diálogo entre os diversos campos do saber.²

Quero destacar que o que apresento aqui é uma análise sobre o crescimento dos estudos medievais no Brasil nas últimas duas décadas, elaborada a partir da minha experiência pessoal, mas não a única possível. Primeiro como aluna de graduação nos anos oitenta, posteriormente, cursando a pós-graduação e ingressando na carreira docente, por meio de concurso em uma universidade pública, no início dos anos 90 e, por fim, como pesquisadora e orientadora de pós-graduação há mais de 15 anos, não só testemunhei esta expansão do medievalismo, como fui um dos sujeitos que a promoveram, ao lado de tantos outros colegas que, como eu, vêm trabalhando para a consolidação dos estudos medievais no Brasil.

Os estudos medievais no Brasil até fins dos anos 1980

Os estudos medievais foram introduzidos como disciplina acadêmica no Brasil desde o século passado, ainda que de forma desigual nos diferentes campos do conhecimento. Ou seja, por exemplo, se na primeira metade daquele século os estudos na área de Letras já ganhavam visibilidade por meio de publicações, no campo da música medieval ainda há poucos especialistas e centros acadêmicos que pesquisem sobre o tema, mesmo que existam vários grupos musicais, que, desde a década de 1980, se dedicam a resgatar e interpretar peças medievais, alguns ligados a universidades.³

Montando um quadro mais geral dos estudos medievais, independentemente das particularidades disciplinares, até o fim da década de 1980, alguns aspectos podem ser destacados, que passo a apresentar.

² Este texto retoma algumas ideias presentes na primeira parte do artigo *A península ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ*, publicado no número 2 da **Revista Diálogos Mediterrânicos**.

³ Como o Grupo de Música Antiga da UFF e Festivitas - Grupo de Música Antiga da UEMG.

Eram poucos os doutores que obtiveram seu título pesquisando sobre a Idade Média desde a graduação e, salvo em algumas poucas universidades, era muito raro encontrar um especialista atuando como docente na própria área.

Quanto ao material bibliográfico, as editoras brasileiras publicavam poucos títulos com temáticas relacionadas ao medieval; não existiam periódicos nacionais dedicados exclusivamente ao período, e as bibliotecas universitárias não possuíam em seus acervos muitos materiais sobre a Idade Média e, em muitos casos, quando disponíveis, eram obras importadas e muito antigas.⁴ Em muitos casos, os livros particulares dos professores tornavam-se públicos, sendo emprestados para os alunos fazerem consultas.⁵ Uma alternativa era a importação de livros e textos, o que só era acessível para uma minoria, já que o custo era muito alto, além de exigir um sistema complexo de pagamento e demorar meses para o material finalmente chegar ao Brasil.⁶

Grupos de pesquisa locais e/ou regionais sobre a Idade de medievalistas eram praticamente inexistentes e não havia uma associação acadêmica que agregasse, em nível nacional, os interessados no ensino e na pesquisa sobre a Idade Média. E como ainda eram poucos os que se dedicavam ao medieval, os eventos acadêmicos que reuniam os especialistas nacionais eram praticamente inexistentes. Em muitos casos, os medievalistas participavam dos grandes eventos de suas áreas, como os encontros da Anpuh, SBPH ou Anpoll, os promovidos pela SBEC, ou nos congressos que uniam

⁴ Uma anedota de meus tempos de graduação: para fazer frente ao problema de falta de livros na biblioteca, no início dos anos 1980, os alunos de graduação em História da UFRJ organizaram uma espécie de caixa escolar para a compra mensal de livros, mais recentes, publicados, sobretudo, por editoras portuguesas, que eram doados à biblioteca.

⁵ Vale destacar que a despeito da expansão dos estudos medievais, esta continua sendo uma prática ainda corrente.

⁶ Também vale acrescentar que, em muitos casos, a compra era feita somente a partir do nome do livro ou artigo que, muitas vezes só chegava a ser conhecido pela citação de um autor. Assim, em muitos casos, quando finalmente o material estava disponível, nem sempre correspondia às expectativas...

especialistas em História Antiga e Medieval, como os realizados na UFPA em 1983, na UFF em 1985, e em UFMG em 1988.

Se o diálogo entre os especialistas brasileiros já era difícil, pois não existiam periódicos especializados, uma associação acadêmica e até eventos sobre temáticas medievais, os contatos com os medievalistas de outros países era um verdadeiro desafio. O principal recurso eram as cartas, que na grande maioria das vezes eram enviadas por meio de editoras e universidades, já que o acesso a endereços particulares, sem um contato prévio, era extremamente difícil. Eventualmente, o contato poderia ser feito por ocasião de viagens de pesquisa ou intercâmbios acadêmicos, o que era financeiramente impossível para a grande maioria, sobretudo para os alunos.

Os anos 1990 e as profundas mudanças no medievalismo brasileiro

Sem dúvidas, as transformações processadas no campo dos estudos medievais estiveram ligadas às mudanças sociais, econômicas e políticas mais gerais do Brasil nos últimos anos. Dentre estas mudanças, destaco a popularização da internet, que possibilitou, sobretudo, a troca mais rápida e informal de dados entre especialistas das diversas áreas do conhecimento e estabelecidos em diferentes países e o acesso a edições de textos medievais e a materiais bibliográficos sobre o período que não se encontram disponíveis em bibliotecas brasileiras.

Outro aspecto deste conjunto de mudanças foram, incontestavelmente, as políticas públicas desenvolvidas pelo governo brasileiro nos campos da educação e do desenvolvimento científico desde o fim da década de 1980. Uma delas foi voltada especificamente para os estudos na área de História Antiga e Medieval. Esta área, juntamente com a História da América, foi considerada carente pelos órgãos de fomento

no fim dos anos de 1980.⁷ Assim, elas se tornaram prioritárias para a concessão de bolsas sanduiche. Neste período, vários jovens que cursavam o então mestrado puderam passar alguns meses no exterior, tendo contato com especialistas estrangeiros, participando de eventos e com uma bibliografia específica e atualizada que seria impossível, na ocasião, ter acesso no Brasil. Ao retornarem, estes mestrados não só tinham reunido um conjunto favorável de condições para realizar um trabalho de pesquisa de qualidade, bem como partilhavam com os demais as experiências e materiais adquiridos.

No decorrer dos anos 1990 e 2000 foi crescente o financiamento público no campo da docência e da pesquisa no Brasil, não se limitando somente às chamadas áreas carentes. A seguir, destaco as estratégias que considero mais significativas.

Relacionado à popularização da internet, há que sublinhar a política de criação e constante ampliação do Portal de Periódicos Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>). O portal reúne centenas de periódicos, muitos dos quais dedicados a temáticas relacionadas ao medieval, e apresenta diversos recursos de pesquisa. Vale realçar, contudo, que a grande maioria do material disponibilizado ainda provém de países de língua inglesa e é limitado a artigos, dissertações e teses e o acesso remoto é permitido a poucos.

Outra política que deve ser destacado é o Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Por meio deste programa, muitos alunos foram introduzidos ao estudo do medieval desde a graduação e preparados para o ingresso, em alguns casos sem intervalos, no mestrado, dando prosseguimento às reflexões iniciadas quando bolsistas.

⁷ Periodicamente, a Capes identifica áreas carentes e elabora programas específicos para suprir as demandas. Sobre o tema, ver CAPES, 1998 e FERREIRA e MOREIRA, 2002, em particular as páginas 111 a 117 e 295 a 311.

Outra política foi a expansão do número de Programas de Pós-graduação, oficialmente reconhecidos pelo Ministério da Educação, com cursos em nível de mestrado e doutorado, com linhas de pesquisa que abarcam diferentes temas medievais. Relacionado à implantação dos cursos, foram concedidas bolsas de estudo para mestrandos e doutorandos, ainda que nem todos os candidatos tenham sido contemplados, sobretudo nos cursos de Ciências Humanas, em que muitos alunos já se encontram inseridos no mercado de trabalho. Também foram concedidas bolsas de curta (sanduiche) ou longa duração (doutorado pleno) no exterior.

Ampliou-se a oferta de editais públicos, especificamente na área das Ciências Humanas, para o desenvolvimento de pesquisas, organização de eventos, publicações de livros e periódicos, não só pela CAPES ou CNPq, mas também por meio das fundações de amparo à pesquisa dos estados da federação.

Com maiores financiamentos e a proliferação dos Programas de Pós-graduação, começaram a multiplicar-se as monografias de fim de curso, as dissertações e as teses, com análises sobre diferentes aspectos das sociedades medievais. Houve não só um crescimento quantitativo, mas também qualitativo dos trabalhos, face ao acesso por meio da internet aos materiais básicos de trabalho - textos medievais, estudos específicos e teóricos – e orientação de especialistas.

Também foram abertos concursos para docentes em instituições públicas de ensino superior localizadas em diversas cidades do país para atuarem em disciplinas específicas relacionadas à Idade Média. Muitos que ingressaram na universidade neste período já possuíam o grau de doutor ou de mestre, e, neste último caso, posteriormente alcançaram o de doutor, dando continuidade à sua especialização na área. Este novo grupo de professores contribuiu para a consolidação do ensino e da pesquisa sobre o

medieval em diversas áreas, como literatura, filologia, linguística, filosofia, história, arte, etc., em diversas universidades do país, com a criação, inclusive, de disciplinas específicas.

Com a consolidação da docência e da pesquisa sobre temas medievais nas universidades, houve uma maior demanda por livros, sobretudo para uso na graduação. Desta forma, multiplicaram-se as publicações de livros em português, tanto da autoria de pesquisadores nacionais quanto traduções de obras estrangeiras. Tratam-se de manuais, dicionários, edições críticas de fontes e obras sobre temas específicos, como a cavalaria, a morte, a hagiografia, os heróis, o monacato, da autoria de um único autor ou coletâneas. Também cresceu o número de artigos sobre a Idade Média publicados em periódicos nacionais, bem como surgiram revistas que divulgam unicamente trabalhos sobre temáticas medievais.

Ainda em relação direta com a consolidação das atividades de docência e pesquisa sobre o medieval nas universidades, destaca-se a organização grupos de pesquisa, reunindo professores e alunos de uma ou mais áreas de saber, de uma única universidade ou de várias, tanto localmente como em núcleos regionais. Tais grupos possibilitaram a consolidação de equipes de pesquisa com participantes em diversos níveis de formação – graduandos, pós-graduandos, doutores - e o desenvolvimento de atividades acadêmicas de extensão, como cursos, workshops, palestras de divulgação, etc.

Estes grupos, também denominados como Programas ou Laboratórios, começaram a surgir em fins da década de 1980, mas se multiplicaram nos últimos 10 anos. Atualmente, eles podem ser encontrados em diversas regiões, ainda que situados nos principais centros urbanos do Brasil, com grande concentração nas regiões sudeste e

sul, e vinculados às universidades públicas, com exceção dos poucos núcleos das universidades confessionais.

Com a consolidação dos grupos locais ou regionais de pesquisa, ampliou-se consideravelmente o número de eventos dedicados unicamente aos estudos medievais, com abrangência local, regional, nacional e até internacional. Em sua grande maioria, são atividades de caráter interdisciplinar e realizadas periodicamente, como as Semanas de Estudos Medievais promovidas pelo Programa de Estudos Medievais da UFRJ, que já conta com nove edições. Tais eventos são uma oportunidade para apresentar resultados de pesquisa, suscitar debates acadêmicos, promover o intercâmbio entre pesquisadores em diversos níveis de formação e de instituições variadas.

A Abrem, Associação Brasileira de Estudos Medievais, criada em 1996, ocupou e tem ocupado um papel fundamental para a expansão dos estudos medievais no Brasil, ao agregar os medievalistas brasileiros de diferentes áreas do saber e interessados no período. Esta associação não está vinculada a nenhuma instituição, não possui uma sede fixa, é gerida por uma diretoria eleita a cada dois anos e é mantida financeiramente pelos sócios. Ela reúne atualmente cerca de 500 sócios nacionais e estrangeiros, das mais diversas áreas do conhecimento, como literatura, linguística, filosofia, direito, artes, música e história.

Com a meta de agregar os sócios, a Abrem promove grandes encontros bianuais, denominados como *Encontro Internacional de Estudos Medievais* (EIEM). Estes eventos são organizados em parceria com as universidades que o sediam. Desde a sua fundação já foram organizados nove encontros, nas cidades de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Londrina, Fortaleza, Vitória e Cuiabá.

Eventualmente, a Abrem coordena projetos coletivos, como o levantamento das fontes medievais escritas e impressas presentes em bibliotecas do país e das dissertações e teses defendidas no Brasil entre 1990-2002, que resultaram em publicações. Atualmente, em parceria com o Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), coordena o projeto “Biblioteca Online de Referências de Historiografia Medievalística Portuguesa”, que tem como meta o levantamento de referências bibliográficas de estudos sobre Portugal Medieval dos últimos 60 anos, em todas as áreas do medievalismo, incluindo todo o material publicado, bem como trabalhos de conclusão inéditos.

A Associação mantém um site (<http://www.abrem.org.br/>); uma lista de discussão acadêmica, (abremnews@yahoogrupos.com.br); uma publicação semestral, o *Jornal da Abrem*, um boletim informativo que noticia sobre o que é desenvolvido no Brasil na área dos estudos medievais, e a revista *Signum*, que foi o primeiro periódico nacional a dedicar-se exclusivamente ao medievalismo. Após dez edições, a revista passou a ser publicada em formato digital e está disponível em <http://www.revistasignum.com/signum/index.php/revistasignumn11/index>.

Em meio às transformações do medievalismo brasileiro, o diálogo interdisciplinar foi um elemento central. Ou seja, a ação conjunta dos especialistas permitiu alcançar metas que os incentivos públicos, sozinhos, não poderiam propiciar. Especialistas de diferentes áreas se uniram para a formação de núcleos locais e regionais de pesquisa; a criação da associação nacional, a Abrem; a promoção de diversos eventos acadêmicos, relacionados à pesquisa e extensão; a organização de publicações, e atividades ligadas à pós-graduação, como co-orientações e participação em bancas.

E o futuro?

O trabalho interdisciplinar foi fundamental na consolidação do medievalismo brasileiro e continua imperativo para responder aos desafios que persistem. Em minha opinião, estes desafios relacionam-se, sobretudo, à formação técnica, que permita aos novos pesquisadores analisar, de forma original, os diferentes materiais que nos foram legados, a partir dos diversos campos do saber. Para dezenas de medievalistas brasileiros, esta formação foi fruto de esforços pessoais e do autodidatismo. Mas não será possível oferecer às novas gerações algo mais institucionalizado do que a boa vontade e a ação isolada de um ou outro grupo?

Desta forma, em primeiro lugar, quero destacar a importância de incluir na formação dos medievalistas, seja em cursos de graduação, pós-graduação ou como atividades extracurriculares promovidas pelos núcleos de pesquisa locais ou regionais, conhecimentos sobre epigrafia, paleografia, codicologia, filologia, numismática, etc. Ou seja, além da necessidade de contarmos com especialistas nestas áreas, é fundamental que o pesquisador sobre o medievo, independentemente de sua formação básica, tenha noções sobre cada um destes campos de estudo.

No mesmo sentido, é imprescindível o acesso ao conhecimento, ao menos instrumental, do latim e de outras línguas e dialetos empregados no medievo e nas quais muitos dos textos que foram transmitidos estão compostos. Não se trata de formar linguistas ou filólogos, mas leitores críticos, capazes de contrapor o texto de uma transcrição ao de uma tradução, por exemplo.

O diálogo interdisciplinar também é importante para o conhecimento de *topoi*, conceitos filosóficos, gêneros literários, toponímia, contextos sociais específicos, etc. relacionados ao medievo, imprescindíveis para a análise dos testemunhos. Como

examinar um texto filosófico ignorando seu local social e geográfico de produção? Como ler historicamente um poema, sem conhecer as regras literárias que o fundamentam? Como verificar a originalidade de um tratado teológico, sem estar familiarizado com os conceitos filosóficos e os *topoi* que foram usados em sua composição?

No passado, o diálogo e o trabalho conjunto de estudiosos de diferentes áreas foram imprescindíveis, ao lado de outros esforços, para a expansão do medievalismo no Brasil. Neste sentido, de norte a sul e de leste a oeste do país é possível, hoje, encontrarmos docentes com formação específica na área, núcleos de pesquisa consolidados, vários eventos sendo realizados a cada mês, dezenas de alunos que dão prosseguimento à sua formação na área, etc. Contudo, ainda há muito a fazer para que o trabalho ganhe em qualidade e seja reconhecido internacionalmente. Para alcançar esta meta, a interdisciplinaridade é uma estratégia fundamental, ainda que não a única.

Bibliografia

AMARAL, Ronaldo. O medievalismo no Brasil. **História Unisinos**, São Leopoldo, v.15, n. 3, p. 446-452, setembro/Dezembro 2011.

ASFORA, V.C.; AUBERT, E.H.; CASTANHO, G.. Faire l’histoire du Moyen Age au Brésil: fondements, structures, développements. **Bulletin du Centre d’Études Médiévales d’Auxerre**, Auxerre, n.12, p. 125-144, 2008.

CAPES. Segundo Plano Nacional de Pós-Graduação — 1982–1985. **Infocapes. Boletim Informativo**, Brasília (DF), v. 6, n. 2, p. 20-27, 1998.

COELHO, Maria Filomena. Breves reflexões acerca da Historia Medieval no Brasil. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6., 2005, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006. p. 29- 33

DE BONI, Luis Alberto. O Ofício do Medievalista na Filosofia. In: BOVO, Cláudia Regina; RUST, Leandro Duarte; CRUZ, Marcus Silva da (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 9., 2011, Cuiabá. **Anais Eletrônicos...** Cuiabá: ABREM, 2011. p. 46-54.

FERREIRA, M. de M., MOREIRA, R. da L. (Org.). **Capex, 50 anos em depoimentos.** Brasília, DF: CAPES, 2002.

FRANCO JR., H., BASTOS, M. J. da M. L'histoire du Moyen Âge au Brésil. **Bulletin du Centre d'études médiévales d'Auxerre**, Auxerre, n. 7, p. 125-131, 2002-2003.

LEÃO, A. V. Os estudos medievais na atualidade brasileira: região sudeste. In: MALEVAL, M. A. T. (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 3., 1999, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 138-145.

MACEDO, J. R. (Org.). **Os Estudos Medievais no Brasil.** Catálogo de dissertações e teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MARTIN, M. S. A situação da pesquisa de História Geral no Brasil: História Medieval. In: WESTPHALEN, C. M. (Org.). REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE

PESQUISA HISTÓRICA, 11., 1991, São Paulo. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 1992. p. 13-14.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. O Ofício de Medievalista na Área de Letras no Brasil. In: BOVO, Cláudia Regina; RUST, Leandro Duarte; CRUZ, Marcus Silva da(Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 9., 2011, Cuiabá. **Anais Eletrônicos...** Cuiabá: ABREM, 2011. p.64-73.

_____. Sobre os estudos medievais na área de Letras (no Brasil). In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6., 2005, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006. p.34 -42.

MELLO, J. R. de A. O pesquisador em História Medieval e o público brasileiro. In: RIBEIRO, M. E. de B. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 2., 1994, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 1994. p. 43-46.

MENDES, Lenora Pinto. Panorama da Música Medieval no Brasil In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6., 2005, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006. p. 43-47.

MONGELLI, M. L. de M. A quem se destinam os estudos medievais no Brasil? In: MALEVAL, M. A. T. (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 3., 1999, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 146-154.

MUNIZ, M. R. C. Os estudos de literatura medieval no Brasil. **Aedos. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v.2, p.203 - 212, 2009.

_____. O ofício do medievalista nas Letras: o contexto dos estudos de Literatura. In: BOVO, Cláudia Regina; RUST, Leandro Duarte; CRUZ, Marcus Silva da (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 9., 2011, Cuiabá. **Anais Eletrônicos...** Cuiabá: ABREM, 2011. p. 55-63.

NOGUEIRA, C. R.. Os estudos medievais no Brasil de hoje. **Medievalismo**, Madrid, n. 12, p. 291-297, 2002.

PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. Los estudios medievales en Brasil. **Medievalismo**, Madrid, v. 4, n. 4, p. 223-228, 1994.

RIBEIRO, M. E. de B. Os estudos medievais no Distrito Federal In: MALEVAL, M. A. T. (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 3., 1999, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 155-158.

RUST, L. D., BASTOS, M. J. da M. Translatio Studii. A História medieval no Brasil. **Signum**, São Paulo, n. 10, p. 163-188, 2008.

SILVA, A. C. L. F. da. A península ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 2, p. 79-96, 2012. Disponível em: www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/24. Acesso em abril de 2012.

____. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil. In: JORNADAS DE HISTORIA DE LAS MUJERES, 8., CONGRESO IBEROAMERICANO DE ESTUDIOS DE GÊNERO, 3., 2006. Villa Giardino. Diferencia, desigualdad: construirnos en la diversidad. **Atas...** Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2006.

____. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 87-107, 2004.

SILVA, M. C. da. Les études en Histoire médiévale au Brésil: bilan et perspectives. Disponível em <http://ciham.ish-lyon.cnrs.fr/Brazil.html>. Acesso em junho de 2012.